

V ENEC - Encontro Nacional de Estudos do Consumo
I Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo
Tendências e ideologias do consumo no mundo contemporâneo
15, 16 e 17 de setembro de 2010 – Rio de Janeiro/RJ

Vegetarianismo Além da Dieta: Ativismo Vegano na Região Metropolitana de São Paulo

Ernesto Luiz Marques Nunes¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar o ativismo vegano – como se constitui, como se organizam os grupos e coletivos que o formam, como atuam e difundem sua causa – na Região Metropolitana de São Paulo, como uma forma de politização do consumo. O veganismo propõe escolhas distintas das tradicionais formas vigentes de consumir, defendendo o abster-se do consumo de produtos de origem animal, o boicote às empresas que usam carne e pele de animais e abolição dos animais como propriedade. Comer um hambúrguer de soja, para um vegano, não diz respeito somente a uma escolha mais saudável ou nutritiva para ele enquanto indivíduo – não é uma ação privada que atende a objetivos meramente privados, que dizem respeito a sua esfera íntima –, mas está relacionada a questões éticas, ecológicas e econômicas mais amplas que defendem: crueldade com animais; devastação de áreas verdes para a ampliação dos pastos para a criação de gado; destinação de grãos para a engorda de animais para o abate, que poderiam ser utilizados na alimentação humana; etc.

Palavras-chave: Veganismo; consumo; vegetarianismo.

1 – Introdução

O presente artigo pretende apresentar o ativismo vegano na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) como uma forma de politização do consumo. A pesquisa de campo que o subsidia foi realizada no âmbito do Mestrado em Ciências Sociais desenvolvido pelo autor no Programa de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP)² e faz parte de um projeto mais amplo de desenvolvimento de

¹ Mestre em Ciências Sociais: Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), professor e pesquisador da PUCSP-COGEAE e do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. ernesto_nunes@hotmail.com.

² NUNES, E. L. M. **Vegetarianismo além da dieta: ativismo vegano em São Paulo**. 2010. 129f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais, PUCSP, São Paulo.

metodologias de pesquisa em ambientes virtuais, como a Internet, e a respeito de como os movimentos sociais podem contribuir para a centralidade política do consumo.³

Ainda em relação à pesquisa de campo, foi adotada uma estratégia metodológica que combina diversas técnicas de perfil qualitativo e quantitativo, como a entrevista em profundidade presencial (12 entrevistas realizadas), o questionário *on line* (200 entrevistas), a entrevista por *e-mail* somente com questões abertas (10 entrevistas), a observação etnográfica e a etnografia virtual⁴. Todas as entrevistas foram realizadas com residentes em cidades da RMSP e esta estratégia metodológica é fruto da conjunção das experiências acadêmica e profissional do autor na área de pesquisa de mercado e opinião pública ao longo de 15 anos, principalmente coordenando pesquisas via Internet e em ambientes virtuais.

2 – Ativismo vegano em ação

Sim, uma revolução! Não é isso o que todos queremos? Queremos mudar os hábitos de consumo de toda a sociedade, desde a alimentação e vestuário até o entretenimento e a base do desenvolvimento científico vigente (George Guimarães).⁵

A respeito da diferença entre um vegano e um vegetariano, um panfleto distribuído pelo grupo ativista Vegan Staff, intitulado *Vegetarianismo: o que é e por que pensar sobre*, afirma:

A pessoa que opta pelo vegetarianismo geralmente o faz por estar mais ligada à própria saúde, pois a intenção é estar distante dos males que a dieta com carne (onívora) traz aos seres humanos. Já o Vegan é o indivíduo que decide seguir tal conduta para expor a crueldade exercida contra os animais, dedicando sua vida à luta pela Libertação Animal. (VEGAN STAFF, s.d., p. 2).

Segundo esse mesmo panfleto, o vegetariano é aquele que se preocupa com seu corpo e com a sua própria saúde, enquanto que o vegano, “antes de qualquer outro

³ As metodologias de pesquisa em ambientes virtuais vêm sendo desenvolvidas profissionalmente pelo autor enquanto que a contribuição dos movimentos sociais para a centralidade política do consumo é parte de um projeto futuro de doutorado.

⁴ O termo “etnografia virtual” vem sendo utilizado principalmente por cientistas sociais, para denominar a prática de campo em ambientes virtuais, como a Internet. Pesquisadores das áreas do Marketing e da Administração preferem utilizar o termo “*netnografia*”.

⁵ A frase foi retirada de um artigo intitulado “Movimento focado, oponente irado” (Revista dos Vegetarianos n. 25, p.51). George Guimarães é presidente do Vegetarianismo Ético, Defesa dos Direitos Animais e Sociedade (VEDDAS), nutricionista especializado em dietas vegetarianas, diretor de uma consultoria em nutrição vegetariana e proprietário de dois restaurantes veganos na cidade de São Paulo e um na região do ABC.

questionamento, está preocupado com danos causados aos animais e ao meio ambiente” (Vegan Staff, s.d: 2), adotando uma visão de mundo menos individualista do que a vegetariana.

Ainda segundo esse panfleto da Vegan Staff, o vegano:

[...] tem a preocupação com as atrocidades praticadas contra os animais e o meio-ambiente, onde em pleno século XXI, nós seres humanos ditos ‘evoluídos’ ainda permitimos que um ‘holocausto’ aconteça dentro de um abatedouro ou em cima de um prato. Porém, desta vez, não são judeus, negros ou ciganos que estão no ‘paredão’ esperando por terem suas vidas ROUBADAS, mas sim outros seres que não possuem meios de se defenderem da ganância e tirania AINDA existente na maioria dos corações de uma raça (sic) que aceita tais fatos sem ao menos se questionar. (VEGAN STAFF, s.d., p. 2).

Converse com veganos a respeito das diferenças entre eles e os vegetarianos e você escutará que *o vegetarianismo é um regime alimentar enquanto o veganismo é uma postura ética*. Em um artigo escrito pela filósofa Sônia Felipe⁶, intitulado *Ética, dietas e conceitos abolicionistas*, publicado no site da Agência de Notícias dos Direitos Animais (ANDA) e reproduzido por diversos *sites* e *blogs*, encontramos um trecho que descreve a diferença entre ambos e a dificuldade de ser vegano em um *mundo onívoro*:

[...] Para além da alimentação, veganos têm uma *díaita*, do grego, “modo de vida”, que escolhe a abstenção de todo e qualquer produto de origem animal, não apenas na hora de comer, mas também na hora da higiene pessoal, da limpeza da casa, dos acessórios de moda, dos cosméticos, dos medicamentos. Obviamente, viver um projeto de vida vegano em meio à ditadura da propriedade, exploração e extermínio de animais não é algo que possa ser concretizado de forma pura. Por isso, para ser vegano é preciso, além da honestidade com o uso do termo quando explica a outras pessoas o que a distingue das demais em seu modo de vida, muita determinação e lucidez, para desfazer, uma a uma, as pregas, dobras, rugas e os vincos da moralidade tradicional traiçoeira, artilosa, que nos enredou nessa forma de vida que representa puro tormento para os animais (FELIPE, 2009).⁷

Mas quem são e o que querem os veganos da Região Metropolitana de São Paulo? Somente eles estão preocupados com o sofrimento animal, enquanto os vegetarianos se importariam mais com a saúde deles próprios? Quais são suas formas de atuação e mobilização? Como estão organizados? Quais são suas propostas e como as difundem? Qual é o alcance político efetivo das suas propostas? Em que medida elas

⁶ Sônia Terezinha Felipe, que é Doutora em Teoria Política e Filosofia Moral, pela Universidade de Konstanz, Alemanha, e co-fundadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Violência (UFSC, 1993), publicou vários livros, capítulos de livros em obras coletivas e diversos artigos sobre direitos animais. Seus textos são reproduzidos por vários *sites* e *blogs* veganos.

⁷ Site <<http://www.anda.jor.br/?p=25016>>, acessado em 10 de janeiro de 2010.

estão afetando/transformando a visão da sociedade a respeito do consumo de carne e da relação que os homens têm (ou deveriam ter) com os animais?

3 – Espaços de sociabilidade veganos

Sair à rua para procurar um vegano não é uma tarefa fácil, se o que se busca é uma característica física marcante, um traje específico que os diferencie das demais pessoas que habitam a metrópole ou locais que sejam um ponto de encontro exclusivo de sociabilidade vegana.

Excetuando as tatuagens, que vários deles têm pelo corpo, principalmente os *straight edges*⁸ (mas não exclusivamente seus adeptos), e que nem sempre estão à vista, as camisas, os *bottoms* com motivos ou dizeres veganos (que vários deles vestem), e os adesivos que colam em seus carros; os veganos costumam passar despercebidos, mesmo em restaurantes tipicamente vegetarianos⁹, no qual, somando-se aos demais vegetarianos, nem maioria são entre seus frequentadores.

A diferença se faz notar, invariavelmente, quando fazem alguma pergunta em um bar ou restaurante, não necessariamente vegetariano: *Esse prato leva algum derivado de leite? Esse bolo contém ovo? Você faz cachorro-quente com salsicha de soja? Será que você pode fazer uma pizza para mim sem queijo?* Perguntas comuns ouvidas diversas vezes nas observações de campo e que permitem começar a identificar um possível vegano.

Outro aspecto marcante do vegano, pouco notado por *olhares destreinados*, é o costume que eles têm de ler embalagens de produtos à procura de ingredientes de origem animal. Em uma ocasião, na qual abordei uma vegana em um mercado e a questioneei sobre a razão de ler todas as embalagens dos produtos antes de escolher qual colocar na cesta de compras, fui informado que:

Existem muitos animais escondidos nos produtos que a gente compra, como insetos. [...] Sim, insetos! [...] Este biscoito de morango, por exemplo, tem cochonilha! [...] Eles esmagam a fêmea do inseto, a tal da cochonilha. Um montão delas amassadas viram o tal pigmento que eles utilizam para dar cor no alimento. [...] Tá achando que esse

⁸ Punks que se abstém de tabaco, álcool e as drogas ilícitas. Também não comem carne.

⁹ Levando em conta a diversidade de formas da alimentação vegetariana, considerando a utilização (ou não) de derivados de leite, de ovos e da ausência completa de qualquer alimento de origem animal, podemos classificá-los em lactovegetarianos aqueles que alimentam-se de produtos de origem vegetal (como cereais, verduras, leguminosas e frutas), aceitando o consumo de leite de mamíferos e de seus derivados (manteiga, queijo, iogurte, etc), além do mel. Os ovovegetarianos não consomem derivados de leite, mas alimentam-se de ovos e mel. Os ovolactovegetarianos, além de ingerirem alimentos de origem vegetal e leite e seus derivados, admitem o consumo de ovos e mel. Os vegetarianos estritos (ou veganos, ou ainda *vegans*) não consomem alimentos ou quaisquer produtos de origem animal.

biscoito é de morango? [...] É biscoito de cochinilha, cara! (L.A.; F; 29 anos; Guarulhos; vegana).

Outras características, como não utilizar roupas de couro, de lã ou peles, não ajudam muito na identificação, pois não-veganos podem evitar essas roupas por outros motivos. A verdade é que veganos não andam por aí com uma placa na mão com a informação: *Sou vegano* ou com *bottoms* com os dizeres: *Quer se tornar vegano? Pergunte-me como?*

A afirmação de que é difícil encontrá-los pela cidade significa que existe uma escassez de espaços exclusivamente veganos – excetuando alguns restaurantes e uma sorveteria –, espaços esses que possam propiciar certa sociabilidade e troca de informações sobre os veganos e o veganismo. Além dos restaurantes, há um estabelecimento comercial – a *Vegan Pride*, localizada na Galeria do Rock –, que se autointitula uma loja que comercializa *acessórios livres de crueldade*. A *Vegan Pride* é frequentada principalmente, mas não exclusivamente, por *straight edges*.

Ou seja, são poucos os espaços exclusivamente veganos na metrópole. Também são poucas as organizações que defendem o ideário vegano, embora em franco crescimento. A seguir, serão descritas algumas delas, entre as quais, aquelas que foram acompanhadas mais de perto, com base na observação de suas atividades e entrevistas com seus líderes.

4 – Poucos, mas barulhentos: veganos em ação

A difusão do veganismo na RMSP é realizada por poucos grupos e coletivos. Estes grupos, embora pequenos e carentes de recursos financeiros, são muito atuantes, tendo em vista o número de ações que realizam para dar visibilidade aos direitos dos animais e ao veganismo. E a maioria deles atua organizando manifestações públicas. Entre eles destacam-se: Veddas (Vegetarianismo Ético, Defesa dos Direitos Animais e Sociedade), Ativeg, Ativismo.com, VeganStaff, Holocausto Animal e Odeio Rodeio.

Estas organizações constituem-se nas maiores articuladoras das ações públicas (passeatas, panfletagens, eventos de rua, etc.) realizadas na RMSP nos últimos cinco anos, conforme levantamento realizado, consultando notícias publicadas no período pelos principais jornais paulistanos, agências de notícias e *sites* sobre veganismo.

Como a maior parte das manifestações realizadas por estes grupos não é divulgada pela mídia tradicional – ou porque não é do interesse desta noticiá-las ou porque muitas das ações não contam com divulgação prévia das organizações veganas –

foi necessário complementar a pesquisa consultando *sites*, *blogs* e comunidades relacionados ao veganismo e direitos dos animais, para ter uma compilação de dados mais completa.

As seis organizações veganas citadas acima têm características próprias no que se refere a como divulgar o veganismo.

A ONG Veddas, por exemplo, tem uma forma peculiar de divulgação: o “Veddas Móvel”, um carro adaptado com uma televisão que reproduz vídeos sobre como se dá a produção de carne e como os animais são utilizados no processo. A ideia, apesar de nova entre os veganos brasileiros, é utilizada por organizações veganas de outros países, como a SHARK (*SHowing Animals Respect and Kindness*), grupo norte-americano de defesa dos animais que utiliza um caminhão-baú com quatro grandes telas de projeção para divulgar os vídeos que ela mesma produz.

Assim como a SHARK, o Veddas utiliza o recurso da mobilidade propiciado pelo veículo para estar presente em feiras, congresso e outros eventos, assim como em ruas e avenidas com grande concentração de pessoas, como a Avenida Paulista, na cidade de São Paulo, onde observei ativistas do grupo aproveitando o momento em que curiosos paravam para observar as imagens expostas pelo Veddas Móvel para conversar sobre veganismo e *exploração animal*.

O coletivo Vegan Staff costuma realizar uma atividade denominada *Picnic Intervenção*. Trata-se de um encontro periódico, divulgado como sendo mensal, mas que nem sempre acontece todo mês, no qual são discutidos os direitos dos animais e temas políticos correlatos, como veganismo, exploração de seres humanos, etc., em local público, normalmente uma praça, durante um convescote. Os eventos de abril e maio de 2009, que acompanhei, foram realizados em uma praça de São Paulo, no final da Avenida Paulista. O local do evento, a Marechal Cordeiro de Farias, foi *rebatizada* pelos ativistas como *Praça Vegan*. Esta tem, em suas paredes, vários grafites com os dizeres *libertação animal, pare de comer animais, vegan e go vegan*. Talvez essa seja a intervenção a que se refere o título do evento.

Várias ações são realizadas conjuntamente por mais de uma organização. Essa junção de forças se dá porque vários ativistas fazem parte de mais de um grupo ou porque se consideram fazendo parte de *uma luta que tem um inimigo só* – como fazem questão de repetir sempre que têm oportunidade – e que necessita da união de forças de todos que desejam abolir a exploração dos animais. Um exemplo de ação conjunta foi a que ocorreu em junho de 2009, na Escola Estadual Marina Cintra, localizada na Rua da Consolação, na capital paulista.

Nessa ocasião, os coletivos Ativismo.com e Vegan Staff promoveram uma exposição de cartazes sobre utilização de animais pela indústria – denominada *exposição de arte Vegan*, no material de divulgação do evento – e uma *sessão de cinema*, com a apresentação de uma cópia do documentário norte-americano *Behind the Mask* – legendado pelos próprios ativistas do Ativismo.com –, sobre os bastidores da organização ativista norte-americana *Animal Liberation Front* (ALF), que é conhecida por invasões – com o objetivo de soltar os animais presos – a laboratórios e instituições que fazem experimentação científica em animais.

Após a sessão do referido vídeo, na qual estavam presentes muitos jovens – estimei que ao menos 25 das 33 pessoas presentes tinham menos de 30 anos –, seguiu-se uma discussão interessante sobre os métodos utilizados pela ALF com vistas a atingir seus objetivos e que, principalmente, discutia se as ações de invasões de propriedade privada e de destruição de instalações onde animais são presos ferem (ou não) o princípio da não-violência, advogado pelos ativistas da ALF em várias partes do vídeo, inclusive na cena final, na qual aparecem cenas de Martin Luther King – um dos ícones da não-violência no século 20 – proferindo seu célebre discurso feito em 1963, na Marcha de Washington por Empregos e Liberdade, em um momento decisivo da história do Movimento Americano pelos Direitos Civis.

Esse discurso – conhecido popularmente como *I Have a Dream* – gerou polêmica entre os presentes. Um deles argumentou que a mensagem final com Luther King, após todas as invasões mostradas no vídeo, provocaria uma confusão na cabeça de pessoas que não são veganas. Outra ativista afirmou que, “a ação direta promovida pela ALF, ‘queima o filme’ dos veganos, que são tachados de pessoas violentas”. Em contrapartida, uma outra ativista rebateu o argumento da violência como incoerência, defendendo que “enquanto animais forem violentados em sua liberdade, a violência para libertá-los é plenamente justificada”.

É importante mencionar parte do debate que se seguiu após a apresentação do documentário, porque se trata de uma discussão central entre os veganos, sobre qual é a forma mais adequada de defender aquilo no qual acreditam: fazer uma defesa dos direitos dos animais mais ativa, partindo para uma ação mais direta, apontando o *dedo na cara* dos que comem carne e *tratam os animais como sua propriedade, como coisas*, utilizando muitas vezes a violência (física ou simbólica); ou partir para uma forma mais branda, que esteja baseada em uma *educação vegana*, considerando que a maioria das pessoas age pelo hábito?

A questão é complexa e divide os ativistas. Para contribuir com o esclarecimento e ampliar o conhecimento vegano existe um grupo que atua como um fórum de debates e estudos sobre direito animal e veganismo. O Grupo de Estudos de Direitos Animais (GEDA) realiza mensalmente, desde 2007, palestras nas quais voluntários discutem artigos ou capítulos selecionados de obras sobre direitos animais. As palestras são seguidas de debates.

O grupo, apesar de contar com a participação de professores, estudantes e profissionais de diferentes instituições acadêmicas, é desvinculado de uma instituição acadêmica específica. Entre as palestras que pude presenciar em minhas observações e que dão uma mostra do que é discutido no âmbito do Geda estão: *Diplomacia vegana*, a respeito de como encarar as objeções sobre o veganismo e os direitos animais; *Ética na alimentação: o fim da inocência*, uma interpretação de um artigo da filósofa Sônia Felipe, no qual esta discute que, se levamos a sério o princípio ético de não infringir um mal a nenhum animal não-humano, não podemos ingerir nem ovos ou leite e seus derivados, pois estes fazem parte da mesma indústria que os condena à morte, pois mesmo as galinhas que são criadas *soltas* e as vacas que pastam longe do confinamento têm o mesmo destino de abate, após anos produzindo ovos e leite, respectivamente.

Excetuando o Geda, os grupos Veddas, Ativismo.com, Vegan Staff também desenvolvem, assim como o Ativeg, o Odeio Rodeios e o Holocausto Animal, diversas ações em prol do veganismo, digamos assim, mais midiáticas, com maior visibilidade para um público não vegano. Isso se dá, principalmente, na forma de passeatas e panfletagens, conforme descrito a seguir.

5 – Saindo às ruas: ações em defesa dos direitos animais

A visibilidade é muito importante para qualquer movimento social. Não seria diferente para o movimento vegano. Mas como chamar atenção para a causa vegana, explicitando a questão do sofrimento animal, sem expor fotos e vídeos com detalhes chocantes? Uma escolha feita pela maior parte dos grupos está baseada na exposição do que é chocante quanto ao que se refere a como os animais são tratados. E essa exposição faz uso do elemento visual ao extremo.

Lembrando que uma das linhas de atuação do ativismo vegano é chamar a atenção da sociedade para a questão dos direitos animais através de manifestações públicas em grandes pontos de concentração, eu classifiquei essas manifestações em quatro tipos diferentes, como veremos a seguir:

A. Manifestações públicas de difusão do veganismo e dos direitos animais em datas comemorativas

Essas manifestações reúnem ativistas, anualmente, em dias nos quais se comemora algum aspecto que envolve a causa vegana, como: o Dia Internacional Vegano (1º de novembro) – que ocorre na cidade de São Paulo desde 2006 –, o Dia Internacional dos Diretos Animais (10 de dezembro) e a Sexta-Feira Mundial sem Peles (na última sexta-feira de novembro). São nas duas primeiras em que costumam ocorrer as manifestações maiores.

Nessas ocasiões, organizações veganas e de defesa dos animais organizam passeatas em locais públicos de grande visibilidade ou grande fluxo de pessoas, como a Avenida Paulista. Ativistas – vestidos com camisetas pretas – distribuem folhetos relacionados aos direitos animais e a temas correlatos, como foi o caso da manifestação de dezembro de 2009 – em comemoração ao Dia Internacional dos Direitos dos Animais – quando foram distribuídos materiais sobre a relação entre a pecuária e o aquecimento global, temática do evento desse ano, em alusão à COP- 15, Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas, realizada dias após a manifestação.

Na *Sexta-feira Mundial Sem Pele* – realizada simultaneamente em vários países –, várias organizações de defesa dos direitos animais da Região Metropolitana de São Paulo realizam protestos, pedindo o fim da indústria de pele animal. Assim como na manifestação do Dia Internacional dos Diretos Animais, o local escolhido, em 2009, também foi a Avenida Paulista. O evento foi criado pela *International Anti-Fur Coalition* (Coalizão Internacional Antipele) em parceria com o movimento *Fur-Free Friday* (Sexta-feira sem pele), segundo informação obtida junto a um ativista do Grupo Holocausto Animal, de defesa dos direitos animais e um dos coletivos que organizam a manifestação na capital paulista.

A manifestação consistiu em colocar mulheres engaioladas no canteiro central da Avenida Paulista, como parte de um protesto contra a indústria da extração de peles dos animais. As pessoas que passavam pelo local e paravam para observar a cena recebiam panfletos sobre direitos animais. Faixas foram abertas e, com megafone e apitos, os ativistas procuravam chamar a atenção dos pedestres e dos motoristas.

Normalmente, nessa modalidade de manifestação, o material de divulgação (panfletos, faixas, cartazes) costuma ser fornecido pelos organizadores no próprio local. E todo o trabalho de distribuição do material confeccionado é desenvolvido por voluntários

das diferentes organizações que organizam o evento e por ativistas *anônimos*, não vinculados a organizações.

B. Manifestações públicas com objetivos específicos de protesto dirigido

Essa modalidade de manifestação não tem uma data no *calendário de ações* dos veganos. Elas ocorrem de acordo com a necessidade de protestar contra algo específico, como o protesto na Assembléia Legislativa em apoio ao Código Estadual de Proteção e Defesa Animal (a lei nº 11.977), passeatas contra a vivissecção e a utilização de animais em experimentos científicos e o protesto contra o Congresso Internacional da Carne, ocorrido em São Paulo, no Hotel Renaissance, em 2007, no qual os ativistas do Grupo Veddas *embalaram* dois ativistas, simulando uma embalagem de carne como aquelas comercializadas em supermercados.

C. Manifestações públicas esporádicas de difusão do veganismo e dos direitos animais

A terceira modalidade de manifestação é parecida com a modalidade de tipo A no que se refere ao objetivo (divulgar o veganismo e os direitos dos animais), mas não é realizada tendo em vista uma ocasião especial nem um local pré-definido com muita antecedência para ocorrer. Normalmente as organizações ou coletivos programam uma ação com pouca antecedência, convocam os ativistas, divulgam pela Internet o local e horário e, no dia combinado, encontram-se para realizar a ação. Essas ações costumam reunir um número relativamente pequeno de ativistas, se compararmos às ações do tipo A. Podemos denominá-las de *ações do dia a dia*.

Um exemplo deste tipo de ação foi realizado pelo grupo Ativeg, no dia 20 de junho de 2009, próximo à estação de metrô Liberdade, com o objetivo de *retratar e informar sobre o confinamento animal*, de acordo com o *e-mail* de divulgação enviado pelo grupo a diversas listas de discussão, convidando-os para a ação.

Outro exemplo desse tipo de ação foi o evento denominado *Vegballon*, promovido pela mesma Ativeg e realizado no dia 29 de novembro de 2009, na Avenida Paulista, mais especificamente, no vão livre do MASP, e que tinha como objetivo – de acordo com o panfleto de divulgação do evento –, *celebrar a vida e o respeito pelos animais através do vegetarianismo*. Além da tradicional distribuição de panfletos, os ativistas montaram um “V” com balões verdes, chamando a atenção dos que passavam pelo local. Um fato

chamou a minha atenção nesse evento. Foi a única vez, em todas as minhas observações de campo, que os manifestantes utilizavam camisas de outra cor (verde) que não o preto, *marca registrada* das manifestações veganas.

D. Manifestações contra empresas e governos que desrespeitam os direitos animais

A última modalidade de ação realizada pelos ativistas veganos é a que tem o foco dirigido a empresas que utilizam animais em seus produtos ou a governos que – do ponto de vista dos ativistas – estimulam ou não combatem adequadamente a exploração ou maus tratos aos animais. Um dos grandes focos das manifestações é a cadeia de *fast food* McDonalds, alvo de diversas ações, principalmente no dia que a empresa norte-americana denomina de *McDia Feliz*, e que os ativistas chamam de *McDia Infeliz*.

Também já foram realizadas ações contra a comercialização de peles pela loja Daslu, contra donos de circos que utilizam animais – o Circo Stankowich foi um deles – e diversas ações contra a indústria de peles na China, em frente ao consulado deste país, na capital paulista. Nesta modalidade de ação também se encaixam as manifestações contra os rodeios, com várias ações em cidades da Região Metropolitana de São Paulo, promovidas principalmente pelo coletivo *Odeio Rodeio*. Esse coletivo atua pela abolição dos animais, não somente nos rodeios, mas também em outras *festas*, como vaquejadas e farras do boi.

6 – Ativismo *web based*

Até agora foi mencionado um ativismo de rua, muito parecido com o tradicional ativismo de outros movimentos sociais. Mas... será só isso?

Existe um forte ativismo que não aparece, mas que é realizado utilizando a força de difusão comunicacional da Internet.

Sim, os veganos fazem um uso intenso de recursos que a Internet propicia. Além dos tradicionais *sites* onde se expõem ideias, os veganos utilizam diversas ferramentas *web based*. Eles estão presentes em diversos *blogs*, trocam experiências, divulgam campanhas e mobilizam-se para aquelas intervenções citadas acima através de listas de discussão no *Yahoo* e no *Google*, além de formarem inúmeras comunidades em redes sociais de relacionamento no *Orkut* e no *Ning*. Também utilizam sites de compartilhamento de vídeo, como o *You Tube* e o *Google Video*, tornando disponíveis diversas imagens das suas mais recentes ações (passeatas, panfletagens, reuniões,

palestras, etc). Parece estranho fazer um mapeamento de um movimento social a partir da sua presença virtual. Entretanto a presença, digamos assim, *off line* do movimento está intimamente ligada à sua presença na Internet.

Quando alguém me perguntava, no início do trabalho de campo, onde encontrar veganos (e vegetarianos em geral) eu dizia: vá a um dos diversos restaurantes vegetarianos da cidade e será fácil encontrá-los. Como mencionado anteriormente, isso não se tornou uma hipótese facilmente comprovável. E onde encontrar textos que falem sobre os benefícios do vegetarianismo e do veganismo? Minha resposta: compre seus livros (em inglês) no *site* norte-americano *Amazon.com*, pois em português há poucas publicações disponíveis. Hoje, a resposta para as duas perguntas é a mesma: acesse a Internet!

Sim, a Internet. Diferente de outros movimentos sociais e de outras formas de ativismo, o *virtual* para os veganos exerce papel fundamental na forma como se organizam e como difundem suas ideias. É no ambiente virtual que se *encontram*, trocam impressões sobre o movimento, divulgam as posições sobre a causa que defendem e organizam as formas de atuação, tanto as *on line* quanto as *off line*.

Na fase quantitativa desta pesquisa, quando perguntei aos entrevistados quem (ou o que) havia influenciado sua decisão de se tornar vegetariano (ovolacto, vegano, etc.), 61% deles afirmaram que foi devido ao contato com um material (livro, vídeo, *site*, etc.) sobre os benefícios do vegetarianismo ou sobre o sofrimento dos animais. A alta frequência de menções sobre a influência da mensagem escrita (livros e *sites*) levanta uma primeira pista sobre o papel da Internet como *locus* a partir do qual os veganos atuam.

São diversos os *sites* que divulgam o veganismo. Podemos dividir esses *sites* e *blogs* basicamente em três grupos: *sites* e *blogs* de organizações e coletivos veganos, os administrados coletivamente e os individuais.

Os *sites* e *blogs* de organizações e coletivos, com raras exceções, são pobres em conteúdo. Uma das raras exceções em termos de quantidade e qualidade no conteúdo exposto é o *site Pensata Animal – Revista de Direitos Animais*, que conta até com registro de ISSN. Esse *site* é uma referência em artigos de juristas, filósofos, sociólogos e outros pensadores (não só acadêmicos) que escrevem sobre o veganismo e os direitos dos animais. Vários artigos de intelectuais e ativistas que refletem sobre o veganismo já foram traduzidos por essa revista digital. *Pensata Animal* declara-se abertamente distante da

*neutralidade diante de questões morais, defendendo a abolição de todas as formas de exploração de animais (não-humanos e humanos).*¹⁰

Além do Pensata Animal, diversas iniciativas isoladas de ativistas municiam os veganos com notícias, vídeos, textos e agenda de eventos. Os grupos de discussão também são numerosos. Somente no *Yahoo Grupos* podemos apontar os seguintes: Jovens vegans, Mundo vegan, União Vegan, Veganismo Brasil, Sem carne SP, Veganismo, entre outros.

Também estão à disposição inúmeros vídeos que contribuem para divulgar o veganismo, como *A carne é fraca e Não Matarás* – documentários produzidos pelo Instituto Nina Rosa, uma organização sem fins lucrativos, que atua promovendo *conhecimento sobre defesa animal, consumo sem crueldade e vegetarianismo*. Assim como esse, vários outros vídeos estão disponíveis integralmente na Internet, seja no *You Tube* ou em outros *sites* de compartilhamento de arquivos.

Mas, podemos questionar: se grande parte da informação migrou para a Internet, qual é a especificidade da forma como os veganos a difundem?

Os veganos incorporaram as novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) em suas estratégias como instrumentos de planejamento, articulação e ação. A articulação em rede entre vários coletivos de defesa animal, o compartilhamento de informações em tempo real entre veganos, a convocação para ações de intervenção social – como, por exemplo, protestos em frente de empresas que utilizam animais em seus produtos – são as formas mais comuns de ativismo *web based*. Entre todas essas ações, gostaria de destacar uma muito peculiar, que pude identificar como parte da *etnografia virtual*¹¹ que realizei: a interferência no resultado em enquetes e votações *on line*.

A ação, puramente *web based*, funciona da seguinte forma: veganos identificam enquetes e votações sobre temas de interesse, como, por exemplo, utilização de animais em circos e uso de animais em testes, em *sites* de jornais, de revistas ou de órgãos de governo. Em seguida, copiam o *link* da página onde está localizada a pesquisa e enviam para listas de discussões ou *postam* em comunidades veganas, solicitando a todos os que estão nela registrados que acessem a página da enquete e votem a favor da posição vegana.

Acompanhando várias dessas votações, pude constatar que, na quase totalidade delas, quando a solicitação é feita, a votação pende para o lado da posição que os

¹⁰ Site <www.pensataanimal.net>, acessado em 12 de fevereiro de 2010.

¹¹ Ver nota nº4 deste artigo.

veganos defendem. Como se trata de *e-mails* enviados para uma lista pública, apresento a seguir um deles – preservando apenas a identificação de seus remetentes, solicitando a *participação*:

Título: Testes em Animais - Vote na ENQUETE da FOLHA ONLINE
De: svb-sampa@yahoogrupos.com.br em nome de XXX (xxx@terra.com.br)
Enviada: sábado, 2 de outubro de 2009 13:56:06
Para:

01/10/2009 - De: I...
ENQUETE DA FOLHA ONLINE: TESTES EM ANIMAIS

A Folha Online está promovendo a seguinte enquete sobre uso de animais em experimentos científicos:
Você é a favor da interrupção do uso de animais em testes?
Participe! Diga SIM, pelo fim da tortura em animais!
Para votar, acesse <http://polls.folha.com.br/poll/0927501/>

O e-mail acima, enviado por um ativo *site* vegano, repassava a solicitação de uma conhecida organização protetora dos animais, para que os assinantes da lista de discussão hospedada no Yahoo Grupos, a svb-sampa, clicassem no *link* da enquete realizada pelo jornal Folha de São Paulo e votassem a favor da interrupção do uso de animais em testes.

Quando o *e-mail* foi enviado inicialmente – no dia 1 de outubro de 2009 – o resultado apresentava a opção *só quando houver métodos alternativos* com maior frequência de votos. Após a solicitação dos ativistas, o resultado *virou*, e a alternativa *sim* foi a mais votada, como se pode verificar na figura abaixo, que reproduz a página com a votação encerrada, no dia 2 de outubro de 2009.



FIGURA 1 – Enquete do jornal Folha de São Paulo sobre testes em animais.
Fonte: <http://polls.folha.com.br/poll/0927501/results>, acessado em 9/02/2010.

Apesar de o *site* do jornal informar que *o resultado desta enquete não tem valor de amostragem científica e se refere apenas a um grupo de leitores da Folha Online* (ver

acima, na figura 1), podemos constatar que não se trata exatamente de um resultado que reflete a opinião de *um grupo de leitores* da publicação – em sua grande maioria favorável à interrupção do uso de animais em testes – e, sim, o resultado de um esforço de ativismo *on line* realizado pelos veganos. Esse é apenas um exemplo dos vários pedidos que ativistas fazem *on line* para que outras pessoas favoráveis ao veganismo manifestem seu voto, alterando o resultado de enquetes.

Para finalizar este levantamento de ações ativistas baseadas na *web* eu gostaria de apresentar uma que ilustra a estratégia de culpa ou responsabilização adotada pelos veganos. Uma ativista colocou em um dos mais visitados *sites* de comércio eletrônico brasileiro, o Mercado Livre, um anúncio de venda de carne de cachorro (figura 2).



FIGURA 2 – Anúncio de venda de carne de cachorro no site do Mercado Livre.
Fonte: http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-107654292-adoravel-carne-de-golden-retriever-cheio-de-proteina--_JM, acessado em 9/02/2010.

No anúncio, encontra-se o seguinte texto:

Amo animais e não vejo problema algum em comê-los! Cachorro, Gato, Porquinho, Galinha, Cordeiro, Vaca... hmmm são todos deliciosos! E daí que eles são torturados e talzz (*sic*) para tornarem-se minha refeição? Gosto de seu sabor e preciso de proteína! E daí que há inúmeras fontes não cruéis de proteína? Gosto do sabor dos animais, não é esse um motivo bom o suficiente para comê-los? Estou vendendo meu cachorrinho e não quero ser criticada! Ele é um ANIMAL, também sou, mas como sempre digo: Estou no topo da cadeia alimentar! Posso comer qualquer coisa e qualquer um que é fraco/trouxa o suficiente de permitir-se ser assassinado, e você pode também! Me certificarei de dar a ele um bom fim! Quem sabe golpearei sua cabeça com o microondas, deixando-o tonto, dessa forma ele sofre menos :) O frete é de somente R\$ 30,00!¹²

Em seguida distribuiu para diversas listas de discussão o *link* com o anúncio. Na linha do argumento da esquizofrenia moral de Francione¹³ – se você ama uns, por que

¹² Site <www.mercadolivre.com.br>, acessado em 9 de fevereiro de 2010.

¹³ Gary Francione, jurista norte-americano conhecido por seu trabalho sobre a teoria dos direitos animais, argumenta que o comportamento da maioria das pessoas em relação aos animais é de esquizofrenia moral,

mata outros para comer – e utilizando a estratégia da culpabilização, o anúncio procura mostrar aos que gostam de animais de estimação a incoerência do ato de ingerir carne.

7 – Considerações finais

No decorrer deste artigo procurou-se identificar alguns aspectos da atuação vegana na RMSP. A título de conclusão, duas grandes questões precisam ser respondidas. Ou ao menos discutidas.

Entretanto, antes de discuti-las, uma constatação: vivemos um momento histórico em que a defesa de grandes causas de interesse público – principalmente entre os mais jovens – cede espaço para preocupações de ordem privada, como o consumo. Trata-se também de um período em que o reencantamento do mundo, nos termos weberianos, reacende engajamentos de ordem religiosa sectários, aumentando tensões quando deveriam buscar a aproximação e uma convivência mais harmoniosa entre as pessoas. É neste contexto que encontramos um grupo peculiar que tem uma causa, a defesa dos animais. E é importante frisar, concordemos ou não com ela, que se trata de uma causa que não traz benefícios diretos a seus defensores. Sua defesa envolve outras espécies.

Como dizia anteriormente, uma primeira questão precisa ser discutida. E esta questão diz respeito à estratégia adotada pela maioria dos ativistas na divulgação daquilo em que acreditam. Em se tratando de um movimento social que defende a libertação de seres *escravizados*, tratados como propriedade e que, devido a essa condição, sofrem e sentem dor, o ativismo vegano utiliza intensamente mensagens e recursos visuais fortes como forma de chamar a atenção para o que defendem.

No que se refere às mensagens, os veganos, ao defenderem com veemência o abolicionismo animal, fazem um paralelo entre sua luta e aquela contra a escravidão humana, principalmente a que foi empreendida contra a escravatura do negro. Também aproximam o confinamento em estruturas industriais que levam à morte centenas de milhares de animais a campos de concentração, como aqueles que foram utilizados na segunda guerra mundial. Para descrever a morte diária de animais chegam, inclusive, a utilizar o termo *holocausto animal*. Este também é o nome de uma das mais atuantes organizações veganas citadas acima.

ou seja, defendemos que os animais devam ser tratados com respeito, mas, na prática, agimos de outra forma, comendo-os, utilizando-os para nossa diversão ou em outras práticas exploratórias, que envolvem sofrimento e morte.

Apesar de compreender a lógica do paralelo entre os campos de concentração nazistas e os galpões onde animais são confinados e abatidos e entre a abolição dos animais da exploração e crueldade humana – como defendem os veganos – e a abolição da escravidão negra no Brasil, penso que essas aproximações causam desconforto entre possíveis aliados¹⁴ e, arrisco dizer, um entrave à difusão do veganismo como proposta política.

Além da comparação estabelecida com a escravidão e com o holocausto judaico ocorrido na segunda guerra mundial, o ativismo vegano utiliza intensamente cenas de violências aos animais que parecem chocar a audiência, afastando-a. Embora o *choque com a realidade do sofrimento animal* seja um dos objetivos de sua utilização, a intensidade do uso deste recurso parece ter um efeito de afastamento entre aqueles que têm *estômago fraco* para enfrentar cenas fortes.

Ativistas enjaulados ou dentro de embalagens como se fossem pedaços de frango congelado, ou panfletos com imagens de animais sendo despedaçados, acusando o leitor de ser responsável por um assassinato, podem ter o efeito contrário ao que se espera, e não gerar reflexão sobre a condição dos animais e não atrair um futuro defensor da causa vegana. Como afirmou uma entrevistada não-vegetariana:

Não tenho coragem de ver esses vídeos com animais sendo mortos. Acho muito pesados. [...] Não entendo esses vegetarianos... [...] Como querem convencer alguém a ser como eles, mostrando tanta crueldade. Será que não dá para divulgar a causa deles de uma forma mais leve? As cenas são muito fortes, têm muita violência. [...] São muito agressivas. [...] Acaba afastando as pessoas que concordam que os animais não devem ser maltratados. [...] Acho que não tem mais vegetarianos no mundo porque as pessoas, só de saber que tem cena cruel no material deles, já se afastam. (F.A.B.; F; 34; Mauá; onívora).

Essa forma de mostrar o que ocorre com os animais é muito direta e franca, e pode ser denominada de estratégia do *sabia que você é responsável pelo que acontece com eles?* Ou seja, ela é baseada na culpa ou responsabilização atribuída ao interlocutor.

Do ponto de vista dessa estratégia – de culpa ou responsabilização – um ovolactovegetariano seria mais culpado ou responsável do que um onívoro, pois este não teria plena consciência do que ocorre com os animais. O ovolactovegetariano (ou qualquer vegetariano que não aboliu totalmente produtos de origem animal), por outro lado, não poderia alegar tal desconhecimento. Isso é o que a filósofa Sônia Felipe¹⁵

¹⁴ Em 2007 o Grupo Holocausto Animal foi envolvido em uma polêmica com a ONG ABC sem Racismo, que o acusou de ofender negros e judeus e de compará-los a animais. Fonte: Site < <http://www.afropress.com/noticiasLer.asp?ID=1371>>, acessado em 14 de fevereiro de 2010.

¹⁵ Site < <http://www.anda.jor.br/?p=25016>>, acessado em 10 de janeiro de 2010.

denominou de *perda da inocência*, ou seja, se o vegetariano leva a sério o princípio ético de não infringir um mal a nenhum animal, ele não pode ingerir nem ovos ou lácteos, pois ambos são subprodutos da mesma indústria que gera sofrimento aos animais.

Esta acusação dos veganos aos demais vegetarianos de conivência com a *indústria do sofrimento* tem levado estes a acusarem aqueles de radicais, extremistas e, muitas vezes de misóginos, como se os veganos preferissem a companhia de animais a de seres humanos. Ambas as críticas parecem fazer o movimento perder força e reforçar a crença de que se trata de um movimento social exótico. E não haveria outra forma de divulgação do veganismo menos direta e por que não dizer, menos agressiva, como afirmou a onívora que entrevistei?

Apesar de ser hegemônica na prática do ativismo vegano, a estratégia da culpabilização tem um contraponto, ainda incipiente, mas com tendência ao crescimento, o qual defende uma educação vegana e que parte do princípio de que todo vegano, um dia, foi onívoro e que um dos principais motivos por ser onívoro está baseado na força da tradição e no poder de fogo da indústria alimentícia, que propaga que é *natural* tomar leite de vaca e comer carne e é o melhor que podemos fazer para crescermos *fortes e saudáveis*.

Essa postura educativa poderia ser classificada como mais branda ou, dito de outra forma, menos contundente. Ela leva em consideração não somente os argumentos a respeito do sofrimento animal – *para não assustar*, como afirmaram vários veganos entrevistados –, mas traz para a discussão os benefícios do veganismo para o planeta, em termos econômicos, sociais e políticos; benefícios estes mais fáceis de *digerir* pelos onívoros.

A segunda questão a ser discutida está relacionada à eficácia das ações dos veganos em modificar a relação que o ser humano tem com os animais. Qual é amplitude dessas ações? As ações dos veganos estão surtindo algum efeito? Eles estão, de maneira efetiva, iniciando uma revolução, como afirmou o ativista do Veddas, George Guimarães, em epígrafe mencionada neste artigo?

Como afirmaram alguns ativistas que foram entrevistados, não é possível ser 100% vegano, pois animais são explorados na produção de alimentos, de tintas, de materiais de construção e de diversos produtos que consumimos, mesmo aqueles que não levam animais em sua composição. Ou seja, embora não façam parte dos *ingredientes* do produto, fazem parte do processo de sua produção. Ainda que partamos dessa posição, ou seja, que é impossível ser plenamente vegano, e a partir dos dados coletados na pesquisa, algumas evidências tendem a demonstrar que o apelo vegano está

encontrando eco na sociedade brasileira, mesmo que a nossa perspectiva seja a da Região Metropolitana de São Paulo. Este tem sido importante para acabar com rodeios em várias cidades da RMSP. Por determinação de leis municipais, aprovadas após várias manifestações de ativistas veganos – principalmente por parte do coletivo Odeio Rodeio – as cidades de São Paulo, Osasco, Carapicuíba, Guarulhos e Jundiaí proibiram – por força de lei municipal – este tipo de evento.

Em relação à utilização de animais em circos, os veganos também estão à frente das campanhas de proibição. Devido a sua participação, as cidades de Atibaia, Cotia, Diadema, Guarulhos, Jundiaí, Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul e a capital, São Paulo proibiram o uso de animais em circos.¹⁶

A cidade de São Paulo conta no calendário oficial, desde 2009, com a *Segunda sem Carne*. Nesse dia, por iniciativa da Secretaria do Verde e do Meio Ambiente (SVMA) do município, repartições públicas, escolas e outros órgãos do governo servem refeição totalmente vegetariana, em paralelo à distribuição de informativos da razão da existência da data. Segundo o site da SVMA, a campanha, que foi lançada em outubro do ano passado, tem como objetivo:

Incentivar as pessoas a deixarem de consumir carne ao menos uma vez por semana, tendo assim benefícios à sua saúde e à saúde do planeta. Ampliar o repertório de alimentos no cardápio das pessoas através de um convite para deixar a carne de lado por um dia e testar novas receitas¹⁷.

Trata-se da versão brasileira da campanha lançada nos Estados Unidos, em 2003 – *Meatless Monday* – e que tem repercutido em vários países. O site da secretaria – fazendo eco ao discurso vegano alerta que:

Ao diminuir o consumo de carne reduz-se, ao mesmo tempo, o desperdício de água, o desmatamento, a desertificação, a extinção de espécies, a destruição de habitats e até de biomas inteiros. A pecuária é responsável pela emissão de cerca de 17% dos gases de efeito estufa no planeta. Mais da metade da produção mundial de alimentos é destinada à ração para animais de abate. Hoje se mata, em cerca de 15 dias, o mesmo número de animais que eram abatidos em um ano na década de 1950 (dados da FAO). Esses animais levam uma vida de sofrimento, medo e privação. Os métodos de criação e abate são cruéis¹⁸.

¹⁶ Fonte: Site <<http://www.pea.org.br>>, acessado em 15 de fevereiro de 2010.

¹⁷ Fonte: Site <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/campanhas/index.php?p=11883>, acessado em 15 de fevereiro de 2010.

¹⁸ Fonte: Site <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/campanhas/index.php?p=11883>, acessado em 15 de fevereiro de 2010.

A mesma prefeitura de São Paulo, também em 2009, iniciou uma grande campanha pela posse responsável de animais, atendendo aos apelos dos veganos e dos defensores dos direitos dos animais.

Avanço na proibição de rodeios e animais em circos, campanhas oficiais promovidas na maior cidade brasileira, oferta crescente de novos produtos para veganos. Talvez esses sejam avanços muito pequenos diante do grande desafio de salvar os animais, diante da grande mudança de hábitos de consumo de toda a sociedade, *desde a alimentação e vestuário até o entretenimento e a base do desenvolvimento científico vigente*, a revolução que deseja o ativista George Guimarães.

Não é possível afirmar se essa transformação social promovida pelos veganos está iniciando ou se ela se efetivará algum dia, como desejam seus ativistas. Entretanto, esses parecem ser os primeiros ganhos obtidos por um movimento que vem conseguindo, além de visibilidade na grande mídia e de se fazer escutar por governos municipais, ser reconhecido como objeto de um estudo acadêmico.

Referências Bibliográficas

AMARAL, A., NATAL, G. e VIANA, L. Netnografia como aporte metodológico na pesquisa em comunicação digital. In: *Comunicação Cibernética*. 2008. Acesso em março de 2010. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/4829/3687>.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1998.

FELIPE, S. Ética, dietas e conceitos. s.l.: s.n., 2009. Disponível em: <http://www.anda.jor.br/?p=25016>, Acesso em: 10/01/2010.

FRANCIONE, G. *Animals as persons. Essays on the abolition of animal exploitation*. Nova Iorque: Columbia University Press. 2008.

NUNES, E. L. M. **Vegetarianismo além da dieta: ativismo vegano em São Paulo**. 2010. 129f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais, PUCSP, São Paulo.

VEGAN STAFF. *Vegetarianismo: o que é e por que pensar sobre*. s.l.: s.n., s.d.

WINCKLER, M. *Vegetarianismo: elementos para uma conversa sobre*. Florianópolis: Rio Quinze. 1997.